

Enrique Dussel (2015). *Filosofia da Libertação: Crítica à Ideologia da Exclusão*. 5ª reimpressão, São Paulo: Paulus, 157 pp.

Autor

Cornélio Raimundo Mucache

Filiación institucional

Universidade Metodista de Piracicaba

Correo electrónico

[cornemucache@yahoo.com.br](mailto:cornemucache@yahoo.com.br)

Sobre el autor

Investigador Becario del CNPq y Estudiante de Doctorado en Educación con mención en Historia y Filosofía de la Educación.

Enrique Dussel é filósofo, historiador e teólogo. É reconhecido internacionalmente por seu trabalho no campo da ética, filosofia política e filosofia latino-americana, especialmente como um dos fundadores da filosofia da libertação. Seu vasto conhecimento em filosofia, política, história e religião, consubstanciado em mais de 65 livros e mais de 600 artigos científicos, muitos deles traduzidos em mais de seis idiomas, torna-o um dos mais prestigiados pensadores filosóficos do séc. XX e XXI. Contribuiu desde a década 60, na construção de uma filosofia comprometida, crítico da modernidade, apelando para um momento “novo” chamado transmodernidade.

O livro ora em destaque em presente resenha, traz um conjunto de diálogos críticos de Dussel com filósofos de fama reconhecida e muito diferentes um do outro: Paul Ricoeur (p.7-33), Karl-Otto Apel (p.43-70), Charles Taylor (p.79-121) e Richard Rorty (p.123-157). Esses diálogos são apresentados na obra em quatro partes, destacando-se as contribuições de cada um desses pensadores para os estudos da Filosofia da Libertação e as exigências para seu desenvolvimento criativo, a partir de um diálogo crítico com suas teorias.

Em meio a esses debates, Enrique Dussel esclarece a posição da filosofia da libertação, como também defende a pertinência do filosofar da filosofia latino-americana enquanto libertação ideológica eurocêntrica, colocando em ênfase a dimensão ético – pedagógico e político (p.18). Nesse último, sobre a pegada política, para além de ser uma política propriamente de libertação que ele propõe; defende o giro descolonial da filosofia

latino-americana, no sentido de que a filosofia enquanto libertação na América Latina deve priorizar filosoficamente, como também no ensino da filosofia, se discutir os problemas “concretos e atuais do continente, tais como: as desigualdades sociais, a justiça social, os problemas ecológicos da relação homem e natureza, etc.” (p.23).

Portanto, Enrique Dussel, em seu pensamento libertário foi significativo por ter mostrado clara posição de libertação contrapondo à ideologia de exclusão na sociedade moderna latino-americana. A visão de Dussel ao discutir sobre filosofia ou política de libertação, pretende entender a sociedade como um todo, sintetizado na categoria ou o princípio de “totalidade e exterioridade” (p.29).

Seus pensamentos e referências estão alicerçados no contexto latino-americano. Pois, para ele na era do domínio eurocêntrico na América Latina, se concebia o mundo em centros e periferias. Esta concepção preconizou-se por volta dos 1492, em que o centro era a Europa como entendia Hegel em suas lições sobre a história. Europa como centro do mundo, se julgava com direito de impor os valores, crenças, culturas como universalmente válido e indispensável para todos (p.47).

No contexto de exclusão, a filosofia da libertação proposto por Dussel se alicerça em uma única fusão de libertar: filosófico e politicamente, ou seja, se livrar de uma filosofia hegemônica eurocêntrica que era um sistema de embrutecimento das sociedades e a validação de seus valores, crenças, culturas, que os quais julgavam como único critério de afirmação como sujeitos e membros de uma coletividade. A libertação filosófica quanto a política é inseparável segundo Dussel, por ser mecanismo de desconstrução de uma dominação e exploração que ocultava os sujeitos em todas as suas dimensões.

Dussel compreende a libertação filosófica e a libertação política inseparáveis e se complementam ao contemplar todas as dimensões de vida pessoal e social. Sendo assim, possibilitando os instrumentos teórico-práticos para libertação integral e integrada da pessoa humana, não só como pessoas, mas como sociedade, impelindo a uma nova ordem social.

A filosofia da libertação não pensa a filosofia, quando é realmente filosofia e não sofisticada ou ideologizada. Não pensa textos filosóficos, e se deve fazê-lo é só como propedêutica pedagógica para instrumentar-se com categorias interpretativas. A filosofia pensa o não-filosófico: a realidade. Mas porque é reflexão sobre a própria realidade, parte do que já é, de seu próprio mundo, de seu sistema, de sua espacialidade. O certo é que a filosofia parece ter surgido sempre na periferia, como necessidade de se pensar a si mesma perante o centro e perante a exterioridade total, ou simplesmente diante do futuro da libertação.

A filosofia de Dussel é uma crítica à modernidade porque toda reflexão gira em torno do reconhecimento e afirmação do que foi que negado, ou seja, o “Outro<sup>1</sup>” como alteridade

---

<sup>1</sup> O termo “Outro” aparece com destaque (em maiúsculo) em vários escritos de Dussel, embora não em todos. O termo não designa apenas o “outro” como pessoa, mas também como grupo, classe social, povo, cultura popular, enfim, tudo o que se opõe a uma totalidade dada. A extensão do conceito pode, por vezes, dificultar a compreensão exata do sentido de certas passagens na obra de Dussel. Em todo caso, “o Outro é sempre antes de tudo o oprimido, o explorado, o pobre.

(p.48). A modernidade para Dussel apresenta contradições, por um lado foi a emancipação da razão num processo crítico, permitindo uma nova concepção histórica do ser humano, e por outro, a civilização moderna se colocou no auge de todas outras civilizações, e Europa como centro do mundo e determinante do processo civilizatório por meio de violência como dever e necessária para a ordem social. Deste modo, o interesse como centralidade na filosofia da latino-americana, tal como do ponto de vista pedagógico, é “aquele que está fora e distante da comunidade de comunicação real”; aliás, o sujeito concreto (p.49).

Do ponto de vista da ética, a noção de totalidade do mundo da vida, da relação da natureza, e da comunidade se alicerçava no eurocentrismo, a Europa como mundo humano por excelência, e as outras culturas não europeias como marginais e bárbarie. Portanto, a todas as formas legitimadoras da violência europeia contra outras e diversas culturas não europeias, Dussel classificou como mito da modernidade. O outro em sua alteridade e entendido como vítima era vista de forma depreciativa e como culpado de ser vítima e estigmatizado pela situação de que não foi culpado.

No ensino de filosofia do ponto de vista de libertação na América Latina, deve-se priorizar uma leitura que enriqueça experiências e aguçar a criticidade a partir de uma nova filosofia no curso do evoluir histórico ocidental, voltada para o povo latino-americano. Uma filosofia política que traz a sua voz – do negro, do índio, do operário, etc. –, e que vislumbra sua libertação sob uma perspectiva de liberdade própria e sob uma práxis derivada de uma ética da alteridade e da interculturalidade. Ademais, sob uma práxis derivada da ética na perspectiva de libertação, os conceitos tais como: “autonomia e alteridade/exterioridade” são fontes de inspiração para o ensino de filosofia e da formação do professor em geral, e em particular do professor de ensino de filosofia (p.94). Nessa perspectiva de Dussel a filosofia de libertação oferece-se elementos teóricos e práticos ao professor de filosofia para que enfrente o desafio de ensinar e pensar a realidade concreta.

Aliás a filosofia da libertação parte do homem situado, concreto, oprimido: tem como pressuposto básico, portanto, a realidade histórica na qual ele está inserido; dessa forma, orienta a libertação para uma liberdade criadora, visando a realizar as possibilidades concretas de futuro. A filosofia da libertação tem na formação do homem – um novo humanismo – o seu centro de preocupação, ao voltar-se para a sociedade marginalizada em todos os sentidos. Ela defende causa dos que não são considerados, na prática, sujeitos, que são usados como objetos, instrumentalizados e reificados.

Para se quebrar a hegemonia da filosofia ocidental, Dussel propôs um projeto, como o consenso do diálogo mundial das tradições filosóficas. Há cinco séculos que a tradição filosófica europeia imperante era o protótipo para outras tradições filosóficas. Na filosofia da libertação latino-americana, desde a sua gênese, os filósofos desta empreitada vinham combatendo este pensamento único. Aliás, a título desta ilustração, o livro da presente resenha, representa o início desse diálogo. Foi um grande avanço este projeto apresentado por Enrique Dussel. Porém, é um projeto ainda longe de se alcançar. Enquanto, ainda não haver abertura e aceitação, como por exemplo, em universidades com relação às pesquisas e estudos de outras tradições filosóficas e culturais, está se longe de uma maturidade de um projeto filosófico com pretensão de dialogar nos problemas emblemáticos universais.

Portanto, o trabalho pedagógico propedêutico é necessário, começar a educar as futuras gerações para que tenham um maior respeito com as outras tradições filosóficas, o que implica um maior conhecimento dessa filosofia. Por exemplo, o primeiro semestre da história da filosofia das graduações universitárias de filosofia deveria se iniciar com o estudo dos “primeiros grandes filósofos da humanidade”, onde seriam expostos filósofos e filósofas que produziram as categorias germinais filosóficas no Egito (africano), na Mesopotâmia (incluindo os profetas de Israel), na Grécia, na Índia, na China, na América Central ou entre os Incas. No segundo semestre, estudar-se-iam as “grandes ontologias”, incluindo o taoísmo, confucionismo, hinduísmo, budismo, filósofos gregos (tais como Platão, Aristóteles até Plotino), os romanos etc. Em um terceiro semestre, deveria ser exposto o desenvolvimento posterior filosófico chinês (a partir do império dos Han), as filosofias posteriores, budista, jainista ou vedanta na Índia, as filosofias, bizantina cristã e árabe, e a filosofia latina europeia medieval. E assim sucessivamente. Uma nova geração pensaria filosoficamente a partir de um horizonte mundial.

Desse modo em jeito de considerações finais, se pode dizer que, de entre diversos aspectos, tratados na obra *Filosofia da Libertação: Crítica à Ideologia da Exclusão*, não fica dúvida alguma de que a filosofia da libertação é a problematização da ontologia que foi a impossibilidade de reduzir ou recolher o rosto ôntico do outro ao ser - mesmo. Nisso, o ato de filosofar e do ensinar a filosofia é indispensável se entender a categoria de “exterioridade” que na filosofia de Enrique Dussel, constitui uma grande contribuição para a transformação do paradigma do olhar, do eu conquistado, do civilizar pelo paradigma do ouvir, a transformação da arquitetura do cinismo e indiferença para a arquitetura do encontro e do encontro pedagógico, em que fazer filosofia no contexto da tradição filosófica de libertação, significa partir de uma instância de pura abertura e vulnerabilidade para desde aí restaurar os laços de responsabilidade que foram esquecidos por um pensamento que estruturou e isolou uns dos outros na história do continente latino-americano.